



**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA PARAÍBA
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS A DISTÂNCIA COM HABILITAÇÃO
EM LÍNGUA PORTUGUESA**

RIAN LUCAS DA SILVA

**PUTAS DE PAPEL: reflexões sobre os espelhamentos simbólicos na representação da
prostituta, do sexo e do gozo em *Um Ramo para Luísa*, de José Condé**

SOUSA – PB

2022

RIAN LUCAS DA SILVA

PUTAS DE PAPEL: reflexões sobre os espelhamentos simbólicos na representação da prostituta, do sexo e do gozo em *Um Ramo para Luísa*, de José Condé

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para conclusão do Curso de Letras – Português a Distância do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB), Campus de Sousa – PB.

Orientadora: Prof^a. Dra. Edilane Rodrigues Bento Moreira.

SOUSA – PB

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca Nilo Peçanha do IFPB, *campus* João Pessoa

S586p Silva, Rian Lucas da.

Putas de papel: reflexões sobre os espelhamentos simbólicos na representação da prostituta, do sexo e do gozo em Um ramo para Luísa, de José Condé / Rian Lucas da Silva. – 2022.

35 f.

TCC (Graduação – Licenciatura em Letras a Distância com Habilitação em Língua Portuguesa) – Instituto Federal de Educação da Paraíba / Coordenação do Curso de Letras a Distância, 2022.

Orientação: Prof^ª D.ra. Edilane Rodrigues Bento Moreira.

1. Mulher. 2. Prostituição feminina. 3. Literatura brasileira - romance. 4. Um ramo para Luísa. 5. José Condé – obra. I. Título.

CDU 343.544-055.2:82-31(81)(043)

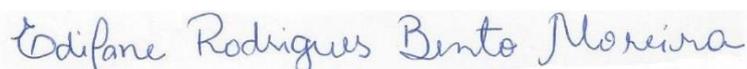
RIAN LUCAS DA SILVA

PUTAS DE PAPEL: reflexões sobre os espelhamentos simbólicos na representação da prostituta, do sexo e do gozo em *Um Ramo para Luísa*, de José Condé

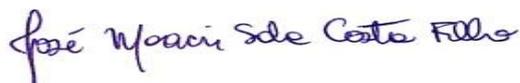
Trabalho apresentado como requisito parcial para a conclusão do Curso de Licenciatura em Letras a Distância do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba, Campus Sousa.

Aprovado em 30 de março de 2022.

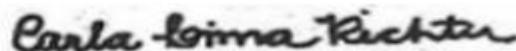
BANCA EXAMINADORA



Orientadora: Dra. Edilane Rodrigues Bento Moreira – IFPB



Prof^o. Dr. José Moacir Soares da Costa Filho – IFPB



Prof^a. Ma. Carla Lima Richter – IFPE

Dedico este trabalho às loucas, às bruxas, às más, às boas, às putas, às mães, enfim, às mulheres (com ou sem adjetivos) por terem resistido e continuarem resistindo a ambientes completamente hostis e, infelizmente, ainda machistas e patriarcais.

AGRADECIMENTOS

A Deus, inicialmente, por ter me mostrado qual caminho seguir desde o Ensino Médio e me dar forças face à dor e ao caos de existir e tolerar, por vezes, até mesmo o intolerável. Sem a sua ajuda, provavelmente, eu não seria o mesmo.

A minha família, que se resume, basicamente, a minha mãe – eterna companheira de vida e, acima de tudo, minha amiga; ao meu pai – por me mostrar que atitudes valem mais que palavras; à Raquiele, minha irmã, sinônimo de força e resiliência diante de tudo o que enfrentou; a minha pequena Manu (já nem é mais tão pequena assim) por ter surgido em nossas vidas e me mostrar o quanto uma menininha pode tornar feliz a vida de um tio como eu; a minha avó paterna, por ser minha segunda mãe nesta vida; aos meus avós maternos, ambos falecidos, mas sempre presentes no objeto mais valioso de nossas vidas – a memória; ao meu avô paterno, por ter me permitido saber o que significa ter um vô presente na vida de um neto. Muito obrigado: eu sou um pouquinho de cada um de vocês e me orgulho disso.

A Lucas, meu amigo de infância, primo e eterno companheiro de vida; à Larissa, também, amiga fiel e disponível para todas as horas; e aos meus colegas de curso, em especial à Cláudia e a Emmanuel.

Aos meus professores da instituição da qual tenho orgulho em fazer parte. Hoje eu sou o que sou em virtude de ter passado pelas mãos talentosas e cuidadosas de todos vocês. Reitero meus agradecimentos, em especial, a estes professores: Carla – por me mostrar que é possível haver amor na academia e construir relações sólidas; Mônica – que, certa vez, disse-me “não importa se você vai para a Linguística ou para a Literatura, teremos um excelente profissional em ambas as áreas”, talvez ela não se recorde disso, mas foi o que me levou a acreditar em mim mesmo e me fez seguir em busca do meu sonho; Girlene – por ter aberto as portas da pesquisa científica em minha vida desde o terceiro período e, além disso, ser uma amiga virginiana perfeitamente memorável; Jackeline – pelas conversas, pelos ensinamentos ao longo dos estudos e pelas pesquisas produzidas; Moacir – por quem eu já tinha admiração antes mesmo de ser aluno e, mais ainda, depois de ter tido o primeiro contato durante as aulas e escritas constantes de artigos; Neilson – por me mostrar o quanto as aulas podem ser inesquecíveis; Giorgione – pelos memes e pela relação amigável construída para além dos muros da academia; Hermano, amigo e professor da UFPB, por ter me aceitado em seu grupo de pesquisa em Literatura, Gênero e Psicanálise (LIGEPSI) e pela confiança que me foi dada para ofertar palestras e ministrar minicursos em eventos de grande porte ainda ao longo da minha graduação.

Por fim, mas não menos importante, à Edilane Rodrigues, minha eterna colega, orientadora, professora de literatura das maiores, mãe, aventureira, cantora nas horas vagas e amiga fiel. Gratidão por ter aceitado entrar nessa jornada de pesquisa desde o segundo período e ter permanecido comigo até a última etapa, aqui representada pela supervisão deste TCC. Você trouxe cor a cada linha escrita e, por isso, eu jamais poderia ter escolhido outra pessoa além de você.

*“O que a literatura faz é o mesmo que acender
um fósforo no campo no meio da noite. Um
fósforo não ilumina quase nada, mas nos
permite ver quanta escuridão existe ao redor.”*

(William Faulkner)

RESUMO

Putas, meretrizes, pecaminosas, devassas, imundas, sujas, doentes, destruidora de lares: essas, só para citar alguns predicativos, são formas violentas bastante recorrentes endereçadas às mulheres que possuem, como estilo de vida, a prostituição. Atacadas comumente por uma sociedade patriarcal e machista, as prostitutas continuam a suscitar discussões diversas, embora ainda haja processos de silenciamento e de invisibilidade em torno delas. Em virtude dessas problemáticas, é imprescindível que se debatam questões pertinentes a esse grupo específico de mulheres “da vida”. Isso posto, este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) busca, ao tomar como objeto de estudo o romance *Um Ramo para Luísa*, do escritor José Condé, analisar, principalmente, a maneira como as mulheres, que vivem sob a condição da prostituição, são representadas na tessitura literária no sentido de observar como se dá a representação da figura da prostituta no texto literário selecionado. Este estudo foi realizado mediante pesquisa qualitativa de cunho bibliográfico, pautado, teoricamente, em estudos feministas de vertente histórica, reflexões filosóficas sobre o feminino, compreensões a respeito da prostituta ao longo da História e pesquisas de gênero e sexualidades, tomando como base alguns autores, como Del Priore (2011a; 2013b; 2020c), Perrot (2003), Beauvoir (2009), Juliano (2004), Roberts (1998), Rago (2008) e Cândido (2012). Realizada a análise, constatamos que as mulheres representadas no romance adentraram nesta vida da prostituição por não terem tido outros caminhos para serem trilhados, dada a obrigação de trabalhar vendendo o próprio corpo para poder cuidar dos filhos. Além disso, percebemos que as meretrizes são concebidas, costumeiramente, como uma simples mercadoria, de maneira que são inferiorizadas e agredidas diversas vezes, tanto de forma física quanto verbal. Por fim, também identificamos que é comum que o sujeito feminino tenha a sua identidade diminuída e mimetizada ao longo da trama, além do foco na erotização e sexualização exacerbada do corpo da mulher, desmerecendo quaisquer outras qualidades que elas pudessem ter. Por conseguinte, a literatura proposta por José Condé lança luz sob uma temática extremamente relevante, pois traz para o centro das discussões um grupo de mulheres – prostitutas – que ainda vive à margem da sociedade, dando-lhes, por meio do texto literário, espaço de existência e, sobretudo, de resistência.

PALAVRAS-CHAVE: Mulher. Prostituição feminina. Literatura Brasileira. Um Ramo para Luísa. José Condé.

ABSTRACT

Hookers, whores, sinful, profligate, filthy, dirty, sick, home destroyers: these are just some predicatives, which are quite recurrent violent forms addressed to women who have prostitution as a lifestyle. Commonly attacked by a patriarchal and sexist society, prostitutes continue to raise many discussions, even though there are still silencing and invisibility processes surrounding them. Due to these problems, it is essential to bring relevant issues to this specific group of “life women”. This Course Conclusion Paper (TCC) seeks, then, by taking as its study object the novel *Um Ramo para Luísa*, written by José Condé, to analyze, mainly, the way in which women, who live under the condition of prostitution, are represented in the literary fabric so as to observe how the figure of the prostitute is represented throughout the selected literary text. This study was carried out through qualitative research, by means of bibliographical nature, being theoretically based on feminist studies of historical nature, philosophical reflections on the feminine, understandings about the prostitute throughout history and gender and sexuality research, being based on authors, such as Del Priore (2011a; 2013b; 2020c), Perrot (2003), Beauvoir (2009), Juliano (2004), Roberts (1998), Rago (2008) and Cândido (2012). After the analysis, we found out that the women, who are represented in the novel, entered prostitution life because they did not have other opportunities to follow, given the obligation to work selling their own bodies in order to take care of their children. In addition, we also realized that whores are usually conceived as simple goods, so that they are inferiorized and attacked several times, both physically and verbally. Finally, we also identified that it is common for the female subject to have her identity diminished and mimicked throughout the plot, in addition to the focus on the erotization and exacerbated sexualization of the women's body, disregarding any other qualities they might have. The literature proposed by José Condé, therefore, sheds light on an extremely relevant theme, as it brings to the center of the discussions a group of women - prostitutes - who still live on the margins of society, giving them, through the literary text, space existence and, above all, resistance.

KEYWORDS: Woman. Female prostitution. Brazilian literature. *Um Ramo para Luísa*. José Condé.

1 INTRODUÇÃO

À primeira vista, pode até parecer que a prostituição seja uma prática relativamente nova. Todavia, ainda no período colonial brasileiro, já era costumeiro que diversas mulheres, fossem elas livres ou escravas, vendessem os seus próprios corpos, prática hoje conhecida como prostituição. Tal atividade podia ser ensejada por senhores e, até mesmo, praticada secretamente como forma de lucro, conforme postula Mary Del Priore (2020c) – uma das historiadoras brasileiras mais renomadas da contemporaneidade.

Nesse panorama histórico, a estudiosa informa que alguns momentos tornaram necessária a figura da prostituta, como é o caso do romantismo, da vida burguesa e, por fim, da dicotomia ecoada entre lados opostos da vida pública e privada. O primeiro referia-se à “mulher em pecado”, ou melhor, àquela que ia contra as convenções estipuladas ao ser feminino; enquanto o segundo representava a dona de casa, isto é, a “boa mulher”.

A partir desse pensamento, a prostituta representava – e provavelmente ainda representa – o avesso da mãe de família porque ela é a responsável pelo sexo criativo e, sobretudo, prazeroso. Consequentemente, a mulher “da vida” intensificava a “clivagem entre o público e o privado: ela na rua, a esposa em casa, preservada dos saberes eróticos” (DEL PRIORE, 2020c, p. 119).

Diante disso, percebemos que a emblemática figura da prostituta desponta como pauta relevante a ser discutida e, neste estudo, focaremos essa problematização, em especial, por intermédio de sua representação na literatura, pois a concebemos como um excelente meio para discutir tal problemática, tendo em vista a sua função social, capaz de emancipar o próprio homem de dogmas que a sociedade costumeiramente lhe impõe.

Em primeira instância, temáticas como homossexualidade, racismo e prostituição, por exemplo, constituem-se como questões norteadoras de cunho social e político que, embora tenha se discutido bastante nos últimos anos, ainda continuam sendo temas tabus, pois persiste o predomínio de juízo de valor negativo e – na maioria das vezes – até pejorativo sobre muitos aspectos relacionados a esses assuntos.

É justamente nesse cenário de raízes amargas e preconceituosas que a literatura pode se apresentar como um caminho para se (re)pensar o real, uma vez que, em sua representação do social, a obra artística lança luz sobre temáticas muitas vezes rechaçadas na sociedade. Assim, ao estudar essas representações, podemos (re)visitar o real com outros olhos e, consequentemente, derrubar muros e transpassar fronteiras diante do que é visto e subjugado como “anormal” pela sociedade.

De acordo com Antonio Candido (1989), famoso sociólogo e crítico literário, a literatura possui a capacidade de confirmar e, ao mesmo tempo, de negar, de propor e de denunciar, de apoiar e de combater estereótipos e juízos de valor negativo, de modo que oferta ao ser humano a possibilidade de viver dialeticamente os próprios problemas. Nessa mesma linha de pensamento, Cosson (2006) também defende que a literatura nos incentiva a desejar e, sobretudo, a expressar o mundo em nós mesmos, e isso só acontece em virtude do exercício e da prática da literatura.

Portanto, por meio do imaginário e da ficção, a literatura pode romper com as amarras e preconceitos vigentes do leitor, tendo em vista que temas e sensações como as decepções amorosas, estupro, incesto, racismo, pedofilia, perversão sexual, assassinatos e tantos outros podem ser explorados e expressos por meio dela.

Diante disso, como objeto de estudo deste trabalho, focamos no romance *Um Ramo para Luísa*, escrito por José Condé. Na obra, habitam os mais diferentes e variados personagens: burgueses, prostitutas, egoístas, machistas, homossexuais e tantos outros. Assim sendo, debruçamo-nos, em nossa análise, na figura das personagens femininas sob a condição da prostituição na obra literária ficcional de Condé. Daí a escolha do título deste estudo: “putas de papel”, pois faz referência explícita à análise que realizaremos em torno dessa mulher no papel, em outras palavras, na literatura, de modo a entender as suas variadas representações no texto literário.

É válido ressaltar que a obra supracitada trata temas polêmicos e abrangentes, além de problematizar o lugar e, sobretudo, as condições precárias que as prostitutas sofrem frente a uma sociedade que oprime e exclui de seu meio social aqueles que, por ela, são considerados anormais e/ou fora dos padrões aceitos.

Nesta pesquisa, os principais objetivos são: promover reflexões sobre as representações das condições de mulheres que são silenciadas e deixadas à margem da sociedade dentro do texto literário; analisar e refletir, dentro dessa representação, as condições, os motivos e as circunstâncias que levam as mulheres a adentrarem nesse estilo de vida e, por fim, observar como se dá a relação entre prostituta e cliente no tecido narrativo.

Ademais, vale a pena mencionar o fato de que a escolha dessa obra se deu por dois motivos principais: primeiro porque, conforme fora dito, representa o drama sofrido por um grupo específico de mulheres que são deixadas à margem da sociedade e, em segundo lugar, pela escassez de trabalhos produzidos e desenvolvidos sobre a obra em debate.

No que concerne à constituição e ao desenvolvimento deste estudo, valemo-nos de uma pesquisa qualitativa de cunho bibliográfico. Teoricamente, baseamo-nos em estudos diversos,

dentre os quais citamos: pesquisas sobre feminismos¹ de base histórica – a partir de pesquisas, por exemplo, das historiadoras Mary Del Priore (2011a; 2013b; 2020c) e Michelle Perrot (2003); reflexões sobre o feminino – por meio de discussões filosóficas propostas por Simone de Beauvoir (2009); estudos de gênero e sexualidades² – com respaldo na antropóloga Dolores Juliano (2004); compreensões históricas da mulher prostituta ao longo da História – mediante contribuições das historiadoras renomadas Nickie Roberts (1998), Margareth Rago (2008) e Maria Regina Cândido (2012).

Por fim, dividimos este estudo a partir da seguinte sequência: primeiramente, explanamos a temática da prostituição feminina, de modo a compreendê-la em suas mais variadas nuances e, sobretudo, a partir de suas mudanças e (trans)formações ao longo da História; em segundo plano, realizamos a análise em torno da representação das personagens que se inserem no exercício da prostituição e, em última instância, tecemos algumas considerações – mas nunca finais – sobre a temática aqui apresentada.

2 “SOU DESSAS MULHERES QUE SÓ DIZEM SIM”: UM BREVE PERCURSO ACERCA DAS PROSTITUTAS

Não faltaram, nas artes como um todo, referências à figura da prostituta. Só para citar um exemplo, dentre tantos, a música *Folhetim*³, composta em 1978 por Chico Buarque e interpretada por Gal Costa, traz à tona resquícios do cotidiano da vida de prostituta, em que um de seus versos ecoa a passagem presente no título desta seção: “*sou dessas mulheres que só dizem sim*”. Na literatura, de modo mais específico, a prostituta também adquiriu espaço como personagem, ocupando um lugar de prestígio e de destaque no imaginário coletivo por meio de obras diversas de autores como Jorge Amado, Charles Baudelaire, José de Alencar, Mário de Andrade, Adolfo Caminha e tantos outros.

A princípio, é pertinente compreender que a temática da prostituição nem sempre foi vinculada à ideia de absurdo, pecado ou imoralidade. De acordo com Nickie Roberts (1998), a história da prostituição iniciou-se com as sacerdotisas de templos sagrados que, ao mesmo

¹ Consideramos válido pontuar que o uso do plural no termo “feminismo” não se deu aleatoriamente. Tal marcação é indispensável, pois precisamos entendê-lo como um movimento sempre plural capaz de mostrar a diversidade constitutiva das mulheres, haja vista as múltiplas perspectivas e vertentes femininas existentes.

² A mesma explicação dada anteriormente sobre a marcação do plural cabe aqui também no vocábulo “sexualidades”. Tratar esse termo no singular seria pressupor a ideia de que há uma sexualidade dominante e tida como a “correta”. Daí, pois, a necessidade de pluralizar a palavra para abarcar outras além das que imperam na atualidade.

³ Aos interessados, a letra desta canção encontra-se disponível em: <https://www.lettras.mus.br/chico-buarque/85968/>. Acesso em 31 jan. 2022.

tempo, eram vistas como mulheres sagradas e prostitutas. Em outras palavras, ainda não se via, naquela época, uma divisão entre a “mulher sagrada” e a “mulher profana”, haja vista que as duas condições eram consideradas enquanto complementares. Não à toa, Vieira (2016) explica que o termo “prostituição” foi emprestado do latim *prostituere*, que significa expor publicamente ou dedicar-se à vida de pecado.

Na sociedade hodierna, por sua vez, tais conceitos mudaram. Hoje, por exemplo, esse tema é bastante complexo e muito se tem debatido sobre ele, embora nem sempre se tenha conseguido chegar a ideais semelhantes. Há, por exemplo, quem caracterize a prostituição como sendo “a profissão mais antiga do mundo”, apesar de isso não ser comprovado nem aceito por todos os historiadores, antropólogos e/ou estudiosos que se debruçam acerca do tema. De todo modo, o que se pode afirmar com certeza é o fato de que essas mulheres já foram endeusadas e adoradas em virtude de sua inteligência e cultura, sendo, inclusive, associada à Grande Deusa⁴, símbolo de força e de vida, conforme relembra Nickie Robert no livro *As Prostitutas na História* (1998).

É inegável, nesse sentido, que as meretrizes sempre tiveram seu lugar na História, embora ao longo dos anos o status de endeusada tenha evoluído para condenável. Acerca dessa mudança semântica, Maria Regina Cândido (2012) ressalta que foi a partir do surgimento da sociedade patriarcal, da hegemonia do homem e, por fim, do concomitante surgimento da propriedade privada, que a prostituição passou a ser uma atividade tanto malvista quanto maldita. A historiadora ainda acrescenta que essa conotação de ser ou não bem-vista pela sociedade trata-se de um olhar específico de nosso tempo sobre as prostitutas.

Assim, ao realizar um paralelo da visão que se tinha da prostituta há anos com a de hoje, podemos notar mudanças significativas, a exemplo da forma como o sexo está deixando de ser visto como patológico e de ser estigmatizado como aquilo que pode ou não, pois a revolução sexual até conseguiu transformar diversos costumes, todavia a sociedade permanece conservadora e com forte preconceito contra essas mulheres, conforme salienta Margareth Rago (2008).

Com mudanças de mentalidades se alterando, a prostituta tem sido vista como uma vilã que vai contra a família estruturada, além de ser encarada como um risco para os valores, honras

⁴ Era hábito – principalmente entre babilônios, gregos e romanos – a entrega do corpo por dinheiro como forma de ritual aos deuses. Na Babilônia, por exemplo, nenhuma mulher poderia se casar antes de passar pelo templo de Ishtar, deusa do amor e da fertilidade. O rito abrangeu-se pelo Oriente Médio e, por fim, foi incorporado à cultura de origem grega, em que Inana – deusa da fertilidade dos sumérios – foi substituída por Afrodite. A partir disso, a prática passou a ser chamada, entre os gregos, de “sexo sagrado”, no qual o homem e a mulher representavam suas próprias partes no casamento dos deuses, conforme ilustra Álvaro Silva (2020).

morais e éticos impregnados na sociedade patriarcal, uma vez que “a discriminação, violência e ausência de cidadania parece, entretanto, perpassar a realidade das profissionais do sexo independente de sua inserção nesse mercado.” (ALVAREZ; RODRIGUES, 2001, p. 61).

Não é de se espantar que a prostituta tenha sido vista dessa forma, posto que coube à mulher o papel de vilã nas relações em que ela vende o seu próprio corpo. É justamente ela quem é condenada e tida como a responsável por destruir lares, e não o homem que decidiu procurá-la. Isso revela, com bastante nitidez, o caráter machista que a sociedade possui ao julgar, de imediato, a mulher.

A respeito disso, ao longo da história das civilizações, sabemos que o corpo feminino foi associado, diretamente, a um instrumento de pecado e de forças demoníacas, representação essa abarcada já na teologia cristã pela figura de Eva – mulher responsável por trazer dor e sofrimento ao mundo após ter pecado ao desobedecer a Deus. Assim, a mulher foi concebida, por muito tempo, como veículo de perdição tanto da saúde quanto da alma dos homens (DEL PRIORE, 2011a).

Em virtude disso, Reis (2008) justifica que a prostituta é facilmente concebida, dentro de convívios sociais, como a responsável por deformar e deturpar o papel feminino e os ideais de dona de casa e de boa mãe, sobretudo se considerarmos que ela se utiliza de seu corpo como instrumento de trabalho para, assim, poder exercer sua sexualidade livremente.

Vista comumente como uma ameaça aos “bons costumes”, o exercício da prostituição intimidava e até apavorava mulheres consideradas de “famílias puras”, trabalhadoras e focadas na saúde dos filhos e, obviamente, do marido. Esse caráter de ameaça, de acordo com Del Priore (2011a), ocorria a partir de dois modos: primeiro porque todo desvio de ação ou de pensamento seria capaz de aproximar e de confundir espaços opostos, ou seja, a esfera privada da casa com o espaço público da rua; segundo porque as “boas mulheres” tinham receio de serem substituídas pela mulher pública. Como efeito, às meretrizes cabiam valores negativos e, por isso, “mulheres públicas foram descritas com todos os vícios, pecados e excessos que se atribui a uma profissão exercida e até explorada por algumas chefes de família.” (DEL PRIORE, 2011a, p. 87-88).

A partir da breve contextualização até aqui abordada a respeito da figura de mulheres outrora endeusadas e, hoje, condenadas, a próxima seção deste estudo busca compreender, a partir da obra literária de José Condé, significações e espelhamentos nas representações femininas que vivem sob condições precárias no mundo da prostituição.

3 AS PROFISSIONAIS DO SEXO EM CENA: UMA ANÁLISE DA PROSTITUIÇÃO FEMININA⁵ EM *UM RAMO PARA LUÍSA*, DE JOSÉ CONDÉ

Primordialmente, José Ferreira Condé (1917-1971) foi um jornalista e escritor literário brasileiro nascido na cidade de Caruaru, no agreste pernambucano. Teve estreia na literatura a partir de *Caminhos na Sombra*, duas novelas publicadas em 1945, e sua última obra foi *As chuvas*, publicada apenas postumamente em 1972. Em 1959, lançou o livro *Um Ramo para Luísa*, obra que seria adaptada para o cinema e lhe proporcionaria um reconhecimento, ainda que ínfimo. Sua produção literária não se restringe ao público brasileiro, visto que parte de suas obras foi publicada na Alemanha e em Portugal, resultando na conquista de diversos prêmios, dentre os quais destacamos o Prêmio Coelho Neto, pela publicação de *Terra de Caruaru* (1960). Segundo Costa (2013), Condé foi autor de gêneros variados, que incluem romances, novelas e contos, distribuídos em uma obra quantitativamente modesta (12 títulos).

Nesta pesquisa, optamos por não nos dedicarmos, de forma aprofundada, à biografia do escritor, tendo em vista que isso não configura como nosso objetivo. De todo modo, é comum que muitas pessoas ainda desconheçam tanto o escritor aqui em debate quanto suas obras. Apesar de um caminho literário amplo, Condé não recebeu, em sua época, o devido valor por parte da crítica literária, o que talvez explique seu apagamento na história de nossa literatura⁶.

Um Ramo para Luísa, nosso objeto de estudo nesta pesquisa, volta-se a uma narrativa cujo foco predominante é o do narrador em primeira pessoa, o qual relata sentimentos como tristeza, solidão e decepção, bem como a incansável busca do autoconhecimento que o leva a perambular por lugares do Rio de Janeiro.

No tocante à linguagem, predomina a utilização de diálogos rápidos e conversações diretas, os quais são descritos em *flashbacks*, ou seja, constantes interrupções na sequência de linha temporal, que, em determinados momentos, ora permanece no presente ora retorna ao

⁵ Consideramos válido evidenciar que adjetivamos, em muitos momentos, o termo “prostituição” para dar ênfase na prática vivida por mulheres. Escolhemos fazer isso porque compreendemos que, em virtude do machismo estrutural, quando se fala em prostituição, de imediato, surge – quase sempre – a figura da mulher, mas quase nunca nos lembramos de homens nesse ramo, como se não houvesse prostituição entre eles. Acreditamos que esse pensamento ocorra em virtude do machismo estruturante enraizado na sociedade, de modo que nos faz associar, antes de tudo, a mulher para, somente depois, pensarmos no homem. Daí a necessidade de enfatizar que, em nosso estudo, focamos na prostituição feminina, a fim de que não nos esqueçamos de que há, embora mais sutil, a prostituição masculina.

⁶ Não à toa, em 2013, o pesquisador Edson Tavares Costa defendeu sua tese de doutorado intitulada *A construção e a permanência do nome do autor: o caso José Condé* que buscava, dentre tantos propósitos, debater a respeito da invisibilidade de José Condé em nossa literatura. A tese, posteriormente, foi publicada em formato de livro com o título *O nome do autor: o caso José Condé*. Dessa maneira, aos interessados em conhecer melhor sobre esse escritor, recomendamos a busca pelos textos citados.

passado ou se desloca para o futuro. Esse recurso de tempo narrativo é usado por muitos autores, a exemplo de Machado de Assis, na obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, em que, de forma brilhante, narra a história em uma sequência não linear.

A forma como José Condé guia os personagens e os interliga à narrativa faz com que as descrições dos ambientes visitados pelos personagens se tornem vivas no processo psicossocial do leitor, uma vez que, por meio da simplicidade, consegue transformar fatos que ocorrem naturalmente no cotidiano em sentimentos pertencentes à literatura, como ocorre, por exemplo, nas descrições minuciosas dos lugares visitados pelos personagens; nos sentimentos aflorados devido às constantes tensões ecoadas ao longo da narrativa; nos dramas vivenciados nas experiências dos personagens, dentre outros.

A obra foi dividida em cinquenta e um capítulos consideravelmente breves e sem título. Por si só, a narrativa se sistematiza em torno dos *flashbacks* – que já foram mencionados anteriormente – os quais trazem à tona as vivências e as memórias do narrador, sendo o personagem protagonista, que, do começo ao fim, opta por omitir o seu nome – omissão essa planejada pelo escritor e, pois, não pode ser entendida ao acaso. Por causa disso, ao final desta pesquisa, buscaremos apresentar uma justificativa que explique o motivo por que o protagonista resolve, durante toda a narrativa, camuflar seu nome.

Assim, o diálogo entre o personagem narrador (visto ao longo da obra como um jornalista divorciado e solitário) e uma mulher, cujo nome ainda não fora apresentado, marca o começo do romance.

– O senhor a conheceu? – perguntou-me a mulher gorda.

– Não.

– E por que está aqui?

– Li no jornal.

A mulher gorda voltou a sentar-se ao lado do caixão.

Ninguém mais na pequena capela do necrotério. É verdade: havia um cheiro solto no ar (além do que se desprendia das velas acesas) – cheiro da terra lavada pela chuva que o vento da noite trazia até nós.

De vez em quando a mulher me olhava, desconfiada, e eu julgava que ela ia indagar novamente: “E por que está aqui?” Como não conseguisse libertar-se do seu exame paciente e quase irritante, decidi erguer-se e saí para a rua e para a chuva que havia aumentado (CONDÉ, 1961, p. 1).

A partir desse diálogo, algumas reflexões e/ou ponderações podem surgir: primeiro, o narrador afirma não conhecer a defunta, mas por qual motivo então ele se encontra nesse lugar? Segundo, no enterro, há apenas a presença dessa mulher gorda desconhecida e o narrador, o qual nos leva a inferir que a defunta parece assumir pouca importância, a julgar pela ausência de pessoas no enterro. Terceiro, por que o narrador se sentiu inquieto face ao questionamento

da mulher a respeito do motivo de ele estar lá, tendo em vista que (supostamente) não a conhecia?

Assim se dá a forma como Condé conduz a narrativa: incitando nos leitores diversos tipos de possibilidades de interpretação sob uma linguagem direta, mas rica em detalhes, pois a narrativa evidencia os dramas vividos por mulheres; a constante insistência que o narrador possui ao procurar por uma mulher que, ora parece agradá-lo, ora parece destruí-lo; bem como ilustra o incômodo do narrador ao se encontrar apaixonado por uma meretriz, fato esse que não o deixa confortável para assumi-la, provavelmente, devido à pressão exigida por uma sociedade que exclui esse tipo de mulher e, também, porque ele possuía um cargo ocupacional importante – o de jornalista. Nesse sentido, podemos compreender que uma relação entre um homem com alto poder aquisitivo e uma prostituta não seria bem vista para a sociedade daquela época.

Por meio de *flashbacks* provocados por fluxos de consciência do narrador, passamos a conhecer a história de Luísa, seu cotidiano permeado por dores e aflições, sua entrada e, conseqüentemente, o seu final trágico no (sub)mundo da prostituição.

A primeira vez que eles se encontraram foi em um bar noturno, enquanto “a vitrola tocava um *fox*” (CONDÉ, 1961, p. 7). É interessante assimilar que esse bar noturno pode ser facilmente associado aos bordéis. A respeito deles, Del Priore (2011a) evidencia que

Bordel era sinônimo de “*rendez-vous*”, “*maison-close*”, lupanar. Ali, o deboche era espetáculo e o prazer, efêmero e pago. [...] Considerado por uns uma fábrica de fantasias eróticas e por outros uma cloaca onde se despejavam imundícies, o bordel foi o espaço em que os prazeres menos confessáveis afloravam escondidos de toda publicidade (DEL PRIORE, 2011a, p. 84-85).

Após esse primeiro contato, é narrada, em seguida, uma discussão de Luísa com uma outra prostituta a respeito de uma dívida e, por isso, Pablo – proprietário do bar – decide expulsá-la.

O espanhol, dono do bar, saiu de trás do balcão e aproximou-se das mulheres:
 – Se ustedes querem brincar vão lá para fuera
 Virando-se para a morena:
 – A partir de amanhã usted não me entra mais acá.
 Ela começou a chorar (CONDÉ, 1961, p. 8).

O narrador, eventualmente comovido de sentimentalismo pelo choro da prostituta naquela noite, pede a uma meretriz, que estava sentada ao seu lado, para entregar mil cruzeiros à Luísa. Dessa forma, o foco da prostituição surge já no segundo capítulo da obra, quando o narrador mostra sua opinião.

Era bonita, possuía pernas longas, gordas e quentes. Meti a mão no bôlso e tirei o dinheiro para pagar. Sabe o que ela me disse? Não quero nada de você. Eu estava

desesperada da vida e você foi carinhoso comigo. Não quero o seu dinheiro. (CONDÉ, 1961, p. 3).

A presença do dinheiro comprova a temática de que a prostituição nada mais é do que uma negociação. No trecho, percebe-se o desejo do narrador ao possuir o corpo da mulher e, em favor disso, oferece-lhe, como forma de pagamento, o dinheiro. O corpo sensual e, sobretudo, erótico da prostituta realizado na mente do narrador alude à ideia do sexo fácil – uma vez que basta possuir dinheiro para poder usufruir de uma mulher – considerando, assim, o corpo feminino como uma simples mercadoria. Acerca disso, Beauvoir (2009) demonstra que as mulheres, desde mesmo a infância, são orientadas à adoção de determinados comportamentos e a usos específicos de vestimentas. Com isso, sofrem exigências e participam de jogos que costumam apontar modos “corretos” para se educar homens e mulheres.

Na narrativa, observamos que o motivo geral que leva o narrador a frequentar esses lugares em busca de meios que satisfaçam seus desejos libidinosos se encontra no fato de que, embora leve uma vida bem frequentada e requintada, o sentimento de solidão se apodera dele.

Não sei há quanto tempo estou na rua. Choveu. [...] Andei. Estive em dois ou três cabarés, já nem lembro. Estive também num cabaré. Uma mulher morena se sentou ao meu lado. Ai, Deus, êsse cheiro de uísque, de mulher da vida, de cigarro. Aquêlê quadro na parede, a mulher nua – sexo, sexo, apenas sexo. Porcaria de vida. (CONDÉ, 1961, p. 4).

É notória a infelicidade do narrador frente à realidade vivida. Por mais que viva cotidianamente em lugares em que seus desejos são realizados facilmente, ainda assim não se encontra totalmente satisfeito, tampouco feliz consigo mesmo, tanto é que até o lugar tão frequentado por ele já assumiu um cheiro específico que o enoja. É em virtude de tantos encontros e desencontros com “putas em cabarés” que ele, sem ao menos perceber, encontra-se apaixonado justamente por uma meretriz: “Ah, se a mulher gorda soubesse quanto eu a amava – como ela e eu éramos uma só coisa, uma só carne, um só pecado.” (CONDÉ, 1961, p. 10).

Surge, pois, uma dualidade: esse relacionamento que, outrora, parecia inadmissível e incoerente, agora, por outro lado, torna-se o fio condutor e gerador de conflito ao longo de toda a narrativa. Desde já, destacamos o fato de que, embora em muitos casos a relação surja somente como uma negociação, os sujeitos envolvidos na prática podem se envolver naturalmente dada a continuidade de seus encontros.

No que tange aos espaços físicos em que os personagens estão imersos, há um diálogo entre duas prostitutas que não pode ser desconsiderado: “Odeio esta vida e tenho nojo dos homens; nojo do dinheiro e do amor deles.” (CONDÉ, 1961, p. 3). No fragmento, a personagem

afirma odiar a vida que vive, inclusive daqueles que a pagam em troca de sexo. Em contrapartida, uma outra personagem adentra no diálogo e afirma que

Eu tenho nojo dêles; do dinheiro dêles, não. Veja só como aquele sujeito baixo e careca não tira os olhos de cima de nós duas. Chego a ter repugnância. Mas, se êle me convidar e tiver gaita para pagar, eu fico logo boazinha, você verá. A vida é assim mesmo, minha filha (CONDÉ, 1961, p. 3).

Essa segunda personagem – que não é nomeada – apresenta uma opinião totalmente divergente da de sua colega. Embora ela sinta nojo dos tipos de homens que buscam o sexo pago, ainda assim, o que se sobrepõe nesses tipos de situações é o pagamento feito em dinheiro. A própria figura dessa mulher, portanto, acaba por se colocar sob uma condição de mercadoria ao vender o seu próprio corpo, pois, segundo ela, não se escolhem clientes, basta somente que tenham condições de pagar pelo serviço realizado.

Além da ideia do corpo feminino atuando somente como um produto, é comum, na narrativa, momentos nos quais personagens secundários promovem a sexualização da figura da mulher, conforme se verifica no trecho abaixo, em que o personagem Ricardo orgulha-se, com seu amigo, da mulher com quem está dançado simplesmente por ter um corpo avantajado, desmerecendo, dessa forma, quaisquer outras qualificações que ela pudesse ter.

Mário Moreira dançava com Teresa, Miroel com Isabel e o poeta Ricardo Melo com uma morena, chegada há pouco da Bahia, que o acompanhava. ‘Minha última conquista’ – dissera. ‘É burríssima, coitadinha, mas em compensação possui um par de coxas respeitável’. (CONDÉ, 1961, p. 33).

A ideia do corpo avantajado já parece aludir àquilo que é exorbitante, neste caso, o “par de coxas”, característica essa indiscutivelmente benéfica às mulheres que trabalham com a prostituição se considerarmos que os homens sentir-se-ão mais interessados nelas. Outrossim, a fala do personagem, ao final, representa claramente uma metonímia, que consiste em uma figura de linguagem responsável pela substituição de um termo por outro, aqui utilizada por meio da expressão “um par de coxas respeitável”. Isso demonstra, com nitidez, a representação dessa mulher não em sua totalidade, mas em suas partes. É interessante perceber, ainda, a ausência de intelectualidade atribuída à mulher – aqui citada pelo uso do termo “burríssima” – que demarca um elemento negativo na construção criada, pois associa as mulheres desse ramo à falta de inteligência e, de modo geral, à imbecilidade.

Nessa perspectiva de uma sexualização fácil e barata, a prostituição serve tão somente “para atender ao prazer masculino, uma vez que em nossa cultura o sexo não é uma desonra para o homem.” (VIEIRA, 2016, p. 52). Não à toa, foram justamente as prostitutas as responsáveis, há muito tempo, por introduzir adolescentes e/ou homens maduros nas relações

sexuais, tanto é que, conforme Del Priore (2020c) salienta, diversos pais com alto poder aquisitivo pagavam as cortesãs para iniciar seus filhos nas práticas sexuais.

Continuando essa linha de pensamento, destacamos, ainda, outro personagem secundário identificado por Leão. Este, por sua vez, apresenta a figura da mulher como uma simples mercadoria e como uma mão de obra barata, pois trabalha diretamente com o tráfico sexual de mulheres, como podemos confirmar no trecho abaixo.

– É simples: descubro mulheres bonitas e remeto-as para Salvador, Recife, Londrina ou Maringá. Ontem mesmo seguiu uma remessa para Londrina. Estamos na época da safra do café no Paraná, e mulheres bonitas têm lá o mesmo valor do café (CONDÉ, 1961, p. 100).

Leão chega a elaborar um paralelo implícito da mulher com o café, corroborando uma visão da figura feminina enquanto um mero produto comercializável. Essa visão se dá porque, conforme Vieira (2016, p. 67), “as profissionais do sexo são reduzidas a objetos de desejo, desprovidas de memórias afetivas, ignoradas ou negadas por praticarem uma sexualidade insubmissa.”. Na narrativa, Leão diz “Venho aqui tôdas as noites. Vou noutros lugares também. É preciso estar de olho nas possíveis mercadorias.” (CONDÉ, 1961, p. 101). Logo em seguida, é questionado pelo seu amigo se ele se sente tranquilo levando esse tipo de vida, ao qual responde abertamente: “O importante é ganhar dinheiro filho.” (CONDÉ, 1961, p. 101). Esse diálogo, embora breve, é preenchido de um tom de superioridade em considerar que possui algum direito sobre o corpo de alguma mulher, chegando a traficar seres humanos como se fossem “cafés” ou “mercadorias”, como ele mesmo menciona.

Além disso, outro fato que merece destaque no romance diz respeito à forma como o narrador encara o exercício da prostituição, sendo, em diversos momentos, preconceituoso e bastante discriminador com mulheres que prestam esse tipo de serviço. Revela-se, portanto, um estilo de vida completamente contraditório, já que, ao mesmo tempo em que condena tal prática, não deixa de participar nem de usufruir disso.

Meu Deus, eu a teria amado, realmente? Numa das primeiras vezes em que saímos juntos, perguntei-lhe de maneira um tanto estúpida, reconheço:

– Você gosta desta vida que leva?

Luísa sorriu e respondeu com uma pergunta:

– Você gostaria de dormir com mulheres por quem não tem o menor interesse?

E séria:

– Tenho nojo do homem que paga para dormir com mulher (CONDÉ, 1961, p. 13).

Além do destaque da própria desvalorização que Luísa apresenta de si e do que faz, torna-se evidente o modo preconceituoso como o narrador se dirige a ela. Quando ele questiona se ela gosta desta vida que leva, conseqüentemente, ele se coloca como um ser machista ao se

considerar superior à meretriz, sendo que, na verdade, ele está comprando o corpo de uma mulher para satisfazer os próprios desejos da carne. Essa desvalorização relacionada às prostitutas já era visível no século XIX, por exemplo, em que visões hipócritas dos homens reinavam sobre essas mulheres, pois os mesmos homens que as denigrem são, também, os mesmos que pagam para ter posse de um corpo feminino. Sobre essa degradação moral, Del Priore (2011a) salienta que

Na tradição cristã que vinha desde os tempos da colônia, a prostituta estava associada à sujeira, ao fedor, à doença, ao corpo putrefato. Esse sistema de correlação estruturava a sua imagem; ele desenhava o destino da mulher votada à miséria e à morte precoce. O retrato colaborava para estigmatizar como venal tudo o que a sexualidade feminina tivesse de livre. Ou de orgiaco. A mulher que se deixasse conduzir por excessos, guiar por suas necessidades, só podia terminar na sarjeta, espreitada pela doença e a miséria profunda. Ameaça para os homens, maus exemplos para as esposas, a prostituta agia por dinheiro. E, por dinheiro, colocava em perigo as grandes fortunas, a honra das famílias. Enfim, era o inimigo ideal para se atirar pedras (DEL PRIORE, 2011a, p. 89-90).

Apesar de o narrador frequentar cabarés e sair com várias meretrizes, isso não é motivo para deixar de sair com “mulheres certas”. Um exemplo disso é o fato de ele se encontrar várias vezes com Irene, até então sua amiga com quem tem mantido relações sexuais algumas vezes. O problema disso reside no fato de que, com Irene, ele também se apresenta como autoritário e, sobretudo, como um ser machista que trata a mulher como algo inferior, servindo somente como uma válvula de escape para os seus desejos carniais.

Desejava-a, realmente. Gostava do seu corpo, da sua maneira ardente e total de amar. Entretanto, terminada a posse, deitado ao seu lado, sentia enorme cansaço se apoderar de mim. [...] Ah se ela soubesse como era doloroso permanecer ao lado de um corpo que já me saciara, se soubesse (CONDÉ, 1961, p. 22).

Logo, notamos que não é apenas com prostitutas com as quais sai uma vez ou outra que ele assume uma posição de autoridade e dominador, mas com todas as mulheres com as quais ele resolve se relacionar, uma vez que chega a afirmar que é doloroso ter de permanecer ao lado de uma mulher que já “fez o seu serviço”. Isso demonstra a forma como a figura da mulher é encarada ao longo da narrativa, como novamente acontece em: “(Puxa, como a Irene está boa. Só de olhar para as pernas dela...) Irene já parou de beber? (Ah, se ela quisesse ir para a cama comigo...)” (CONDÉ, 1961, p. 20), revelando o personagem com uma imagem sexualizada, erótica, preconceituosa e, acima de tudo, exterioriza-se uma imagem feminina mimetizada acerca da mulher, tendo em vista que as pernas resumem todo o ser de “Irene”. Sobre essa representação da mimetização, Bellin (2011) ressalta que

Tal representação parece ser uma forma de mimetizar as condições da mulher na sociedade patriarcal do século XIX, época na qual se verificou um enorme

patrulhamento da sexualidade feminina, juntamente com os manuais de conduta, que preconizavam não só a repressão sexual como também o recato, o isolamento e a submissão feminina (BELLIN, 2011, p. 10).

Ademais, sobreleva-se o caráter de dominador e o sentimento de posse do narrador sobre um corpo que, inclusive, é de outra mulher e não dele. Tal sentimento de posse pode ser evidenciado em: “Pensei em Irene e tive raiva: ‘De que vale uma mulher que a gente só pode ver uma vez por outra?’” (CONDÉ, 1961, p. 34). Esse pensamento de posse que o homem tem em relação à mulher é típico de sociedades que tenham o patriarcalismo como base, uma vez que, nesses cenários específicos, o patriarcado impôs ao homem o direito de pertencer sobre si e sobre os outros, de modo a torná-lo “dono” de si e de suas relações com os demais.

No romance, é inegável que o personagem já estava apaixonado por Luísa, dentre muitas justificações, o fato de ter desenvolvido ciúmes quando a via entrar em lugares acompanhadas com outros homens: “Luísa estava acompanhada. Viu quando entrei, porém não pareceu dar a menor importância [...] e, ao passar diante de mim, nem sequer me dirigiu o olhar. ‘Ordinária’ – pensei.” (CONDÉ, 1961, p. 45). Ao se reencontrarem novamente, três dias após, Luísa tentou explicar-se, conforme ilustra o diálogo:

- Você sabe: é a minha profissão
- Pelo menos, não custaria nada ter me cumprimentado.
- Estava acompanhada.
- E daí?
- Você não conhece os homens, não sabe como são egoístas e grosseiros perto de mulher que está recebendo dinheiro deles (CONDÉ, 1961, p. 45).

Na tentativa de se explicar, Luísa aponta, como argumento, o fato de que isso faz parte de sua profissão. Não obstante ele conteste a fala da meretriz, ela continua firme ao completar seu primeiro posicionamento ao ressaltar que a maioria dos homens são egoístas quando estão por perto de uma mulher que o satisfaz e, sobretudo, que a pagam para prestar serviços. Nesse contexto, de acordo com Vieira (2016), a prostituição se apresenta como um conjunto de relações realizado entre duas ou mais pessoas, isto é, o vendedor (a prostituta) e, conseqüentemente, o comprador (o cliente), em troca de um produto (o sexo).

Apesar de, inicialmente, parecer apenas só mais um caso com um cliente qualquer, o trecho acima, em especial a última fala, revela que Luísa vê o narrador de forma diferente dos seus demais clientes, pois já se tem um envolvimento mais sólido com ele. Em outras palavras, a própria justificativa dada por Luísa demonstra a relevância dele em sua vida.

Isso posto, não é nenhuma novidade, portanto, que Luísa, protagonista da história, sofra bastante – embora nem sempre demonstre – com o modo como o narrador a trata, como no diálogo abaixo em que se revela o afronte do narrador ao questioná-la se Luísa é o seu

verdadeiro nome ou se é “nome de guerra”. A vontade do narrador ao desejar saber o nome verdadeiro da prostituta alude à ideia de aproximação, ou seja, demonstra desejo em conhecer mais sobre a mulher com a qual tem mantido relações sexuais, caracterizando, portanto, um envolvimento amoroso que vai muito além do sexo pago.

Examinava-a:

– Estou notando melhor agora: você é bonita, Luísa. Sinceramente. Muito bonita. Gosto dos seus olhos tristes. Diga: você se chama mesmo Luísa, ou é nome de guerra?

Sorriu:

– Um nome tem assim tanta importância? Eu sou eu (CONDÉ, 1961, p. 28).

Em virtude de já conhecer a forma como Luísa leva sua vida, o narrador chega a caracterizá-la como uma mulher de olhos tristes, como se todas as mulheres que trabalham com a prostituição fossem infelizes nesse ramo. Cabe ressaltar, no entanto, que o fato de uma mulher trabalhar com a prostituição não significa, necessariamente, que esta não seja feliz ou não consiga viver bem como em qualquer outra profissão, uma vez que:

[...] o papel da prostituta não se reduz ao ato sexual. No seu âmbito de trabalho, há regras morais a serem cumpridas, o que não lhe tira a possibilidade de se divertir com os clientes, fazendo suas escolhas: transar ou não transar, prevenir-se ou não se prevenir contra doenças sexuais e gravidez, envolver-se sentimentalmente ou não com seus clientes, “atender” àqueles que paguem melhor, permanecer ou não na “vida fácil”, entre outras” (VIEIRA, 2016, p. 66).

Outrossim, destaca-se o desrespeito com o qual a resolve interrogar, chegando a supor se ela teria dito, ao menos, o seu nome verdadeiro, posto que

O âmbito público é visto como a batalha, onde **o corpo é a arma a ser usada no combate na zona de prostituição. Tenta-se manter separados esses dois campos também através do anonimato dado por um nome de guerra**, que pode mudar de semana a semana (ALVAREZ; RODRIGUES, 2001, p. 59, grifo nosso).

O “nome de guerra”, na prostituição, subentende-se a criação de uma nova identidade para essa mulher. É como se, fora desse ramo, a mulher fosse uma pessoa totalmente diferente de quando está prestando os seus serviços sexuais. Nesse contexto, o nome configura-se como elemento portador de significado, isto é, de material identitário que revela as características do ser. Dessa maneira, muitas mulheres optam por utilizar outros nomes, eventualmente, como uma tentativa de criar uma nova identidade para si mesma, o que não ocorre na narrativa, tendo em vista que a personagem realmente utiliza seu nome real.

Sob um novo prisma, há uma parte da obra imprescindível para entender algumas das inúmeras razões que levaram a personagem Luísa a adentrar no mundo da prostituição. Em um dos encontros do narrador com Luísa, há o seguinte diálogo:

Luísa:

– Por que depois de dormir com uma prostituta, todo homem começa logo a fazer perguntas a respeito da vida dela?

– Não sei. Você me disse que não conheço os homens. Ainda mais: não perguntei por curiosidade. Gostei de você, Luísa, e, se a conhecer melhor, gostarei ainda mais. Me desculpe se fui grosseiro.

– Não você não foi grosseiro. Queria ganhar tempo. Como se estivesse contando até dez. Sabe, às vezes não consigo resistir à tentação de contar minha vida aos estranhos (CONDÉ, 1961, p. 51).

Luísa se examina acerca dos questionamentos que todos os homens fazem logo após uma relação sexual. É evidente o seu descontentamento quanto às perguntas feitas, uma vez que ela só está naquele lugar para prestar seu trabalho sexual e, sendo assim, sua vida pessoal de nada interessa aos outros. Contudo, na última fala do trecho, Luísa finalmente declara que, embora nem sempre queira fazer isso, ela acaba contando fatos pessoais de sua vida aos seus clientes.

Essa fala da personagem evidencia o sentimento de solidão em que ela se encontra, pois, por não ter alguém próximo ou alguns amigos, acaba tendo que desabafar seus sentimentos ao primeiro que lhe perguntar sobre sua vida. Del Priore (2013b) demonstra que, ao longo da História, mulheres e solidão têm andado de mãos juntas. Como razões para isso, a pesquisadora aponta a enorme entrada da população feminina no mercado de trabalho, que as afastou do ideal arcaico de nossas avós, tais como casar, viver ao lado do marido e ter diversos filhos.

No romance, percebemos que, apesar de não gostar de responder a fatos de sua vida com os homens, opta por falar abertamente, tendo em vista que deve ser muito raro alguém aparecer em sua vida com o verdadeiro intuito de querer saber da sua vida por simplesmente gostar da presença dela, e não para, logo em seguida, querer usá-la na cama. Dessa forma, ela resolve, finalmente, contar ao narrador aspectos pessoais sobre sua vida.

– Lembra-se de que um dia eu lhe disse que odiava meus pais? Era verdade. Meu pai trabalhava no Cassino da Urca distribuindo fichas de jogo. Voltava para casa quando o dia estava amanhecendo. Minha mãe não gostava dele, vivia recebendo homens, nem se importava com minha presença. Todas as noites eram a mesma coisa: eu ficava ouvindo êles gemendo no quarto ao lado. Metia a cabeça no travesseiro, mas era inútil. [...] Tinha nojo daquilo e gostaria de contar tudo. Mas minha mãe sabia que eu não teria coragem para tanto. Meu pai [...] era um homem fraco e sem moral. [...] Uma manhã não voltou para casa: [...] Passamos fome, deixei de frequentar a Escola Normal, chorava o tempo todo. Foi, então, que descobri: o dinheiro era muito mais importante do que eu supunha. Meu pai tinha razão: dinheiro era tudo na vida (CONDÉ, 1961, p. 52).

O trecho acima revela, explicitamente, alguns motivos que levaram a protagonista a adentrar nesse ramo de vida. É visível, por exemplo, que o meio em que ela cresceu contribuiu significativamente nas suas escolhas ao longo da vida. Luísa demonstra sua tristeza em ter tido

uma mãe que levava homens para casa e sequer tinha a decência de afastar os filhos durante as práticas sexuais. Ela cresceu tendo nojo da vida que a mãe carregava e, infelizmente, repetiu – de maneira consciente ou não – os mesmos insucessos dela. Além disso, teve um pai que não se importava com a família e fugiu após seu trabalho no cassino ter dado errado, abandonando, portanto, a esposa e a filha ainda pequena. Crescer sem uma família presente e totalmente fora dos padrões de sua época, bem como ter passado por sérios problemas, como ter passado fome, de alguma forma contribuiu para que Luísa vivesse também uma vida degradada e destinada ao insucesso.

O diálogo se encerra quando a personagem diz concordar com o seu pai ao ressaltar a importância do dinheiro na vida de alguém. Tal concordância pode sugerir que, se Luísa tivesse grana o suficiente para viver sem se preocupar com trabalho, certamente ela não seria prostituta. Nisso, Alvarez e Rodrigues (2001) afirmam que as possibilidades de saída do mundo da prostituição são bastante escassas, tendo em vista que essas mulheres, em sua grande maioria, apresentam baixa escolaridade, não possuem qualificação profissional e, por isso, deparam-se com os altos índices de desemprego. Logo, a prostituição surge como o único meio de sustento para si mesma e para sua família.

Pela primeira vez na narrativa, conhecemos uma Luísa mais madura e, sobretudo, mais confiante em contar detalhes únicos e bastante pessoais sobre sua vida a um cliente que estava apaixonada. Em seguida, ela diz: “Não quero gostar de ninguém. [...] Mas aconteceu. Paciência. Embora eu não quisesse gostar de ninguém, repito.” (CONDÉ, 1961, p. 32). A respeito disso, sabemos que ter como profissão de vida a prostituição tem como principal meta não gostar, muito menos se apegar a clientes, haja vista que, caso isso aconteça, o trabalho seria prejudicado, ou melhor, poderia até perder alguns trabalhos com homens por causa de sua relação íntima e direta com um só. Isso corrobora com questões levantadas anteriormente, na qual Luísa parece ter entrado nesse mundo não por ter escolhido livremente, mas por uma questão de necessidade, ou melhor, de dinheiro.

Ao longo do romance, outras meretrizes também são apontadas na obra, entretanto elas não divergem nos motivos de entrada no mundo da prostituição, muito pelo contrário. Ambas apresentam a necessidade de dinheiro como principal motivo, como em: “Se não fôsse por minha filha, que tem dois anos; você acha que eu estaria fazendo a vida, sendo obrigada a dormir com qualquer cara que tenha dinheiro para me pegar?” (CONDÉ, 1961, p. 64). Essa realidade apontada no trecho também é frequente na sociedade hodierna, em que, seja por fatores sociais ou econômicos, mulheres adentram nessa modalidade de vida por ter filhos menores que dependem do dinheiro adquirido de práticas sexuais para (sobre)viverem.

Em virtude de essas mulheres se submeterem a essas condições, na maioria das vezes, são inferiorizadas e discriminadas pelos demais. O trecho a seguir exemplifica esse fato:

– Você é apenas uma puta, Luísa.

Ela sorriu:

– Tem razão: sou apenas uma puta.

Cobriu o rosto com as mãos. Foi seu único gesto de defesa. Soluçava, também. Nem sei mesmo porque chorava. E eu não poderia suportar aquilo. Não podia, juro. Voltei então a golpeá-la nos braços, na cabeça, uma, duas, três vezes seguidas (CONDÉ, 1961, p. 67).

Três problemas são evidenciados a partir da análise desse diálogo: o primeiro fato refere-se ao modo agressivo com o qual o narrador se impõe ao chamá-la de puta. Sobre ser chamada dessa maneira, Sousa (2012, p. 29) adverte que

A diversidade semântica ligada à prostituição é notada a partir dos diferentes vocábulos empregados para referenciar a pessoa que exerce essa prática social, de tal modo que a prostituta pode ser denominada como puta, quenga, garota de programa, meretriz, mulher de vida fácil, decaída, perdida, mariposa, trabalhadora do sexo, rameira, mulher da vida, profissional do sexo, etc.

No contexto em que os personagens se inserem, é de comum acordo que o uso do adjetivo “puta” foi utilizado para depreciar a imagem feminina, a fim de menosprezá-la e diminuí-la enquanto mulher. Soma-se a isso a utilização da expressão por ele usada “apenas uma”, que sinaliza a forma como ele a inferioriza e a desmerece como um indivíduo social. O segundo fator a ser mencionado refere-se à agressão que ele pratica, pois, como se não bastasse a violência verbal, ele consegue ir mais além e chega a agredi-la com golpes nos braços e na cabeça. O terceiro e último problema diz respeito ao modo como ela lhe responde, concordando com o fato de ser apenas uma puta.

Em outras palavras, sabemos que, obviamente, a personagem não se limita apenas a essa caracterização de sua identidade, mas, durante a discussão, ela opta por se calar e, por fim, consente devido à pressão sofrida naquele momento. No que se refere à cultura do silenciamento da mulher, Perrot (2003) demonstra que o peso do silêncio feminino é manifestado em seus corpos por meio de diversas formas, como pela imposição de atributos e/ou padrões delimitados de comportamentos que envolvem desde a forma como a mulher ergue sua voz e se expressa até a maneira como elas conseguem sorrir ou chorar.

Desse modo, averiguamos que a condição na qual a figura feminina se encontra, neste momento, é a de submissão, tendo em vista que, além de tudo o que ela já havia passado por causa do narrador, por último, surge mais um caso de agressão e, agora, a física. A ideia de passividade imposta ao ser feminino não se trata de um dado biológico, mas da ação de sujeitos que, desde os primeiros anos, ensinam às mulheres que é preciso renunciar a sua autonomia

para agradar ao homem. Por conseguinte, mulheres crescem e se desenvolvem desencorajadas de se afirmarem enquanto sujeitos de direitos (BEAUVOIR, 2009).

No momento da agressão, é relevante percebermos que o narrador justifica sua violência ao colocar como principal motivo a questão do ciúme, mesmo que, em seguida, ele negue isso.

Muitas mulheres passaram pela minha vida. Com Luísa, foi diferente. E não pense que a esbofetei naquela noite, por ciúme. Juro como não foi. Foi raiva da cegueira dela. Sei que ela me ama, embora odeie êsse amor; embora precise tanto dêle quanto eu. (CONDÉ, 1961, p. 68-69).

Essa negação é utilizada pelo personagem, nesse contexto específico, apenas como um suporte falso para lidar com o fato de que o personagem agrediu alguém de que, aparentemente, gostava. Dessa forma, torna-se mais fácil e viável, para ele, poder conviver com a ideia de que, no fundo, a agressão não foi motivada por ciúmes, pois isso implicaria laços afetivos mais sólidos, sentimento esse o qual próprio personagem não gostaria de sentir.

Essa perturbação do personagem, ao se deparar apaixonado por uma prostituta, é suficiente para que o narrador se questione, em diversos momentos da trama, sobre um possível relacionamento com uma meretriz, como em: “Compreende agora como Luísa é importante para mim, o quanto preciso dela? Que importa que seja uma puta?” (CONDÉ, 1961, p. 69), mas mesmo assim parece recusar tal possibilidade, haja vista que ele age tipicamente como um representante da sociedade hodierna. Mesmo que amasse Luísa, jamais conseguiria aceitar e conviver com uma mulher cujo status é projetado como fora dos padrões da sociedade vigente de sua época, mesmo que ele quisesse “ter a coragem de ser eu mesmo.” (CONDÉ, 1961, p. 69).

Essa fala do narrador evidencia, de modo bastante explícito, a opressão masculina em que o personagem está fadado a viver: uma sociedade arcaica que impõe ao homem a obrigação de ter ao seu lado uma mulher culta, sendo ela dona do lar, destinada quase sempre à procriação e aos cuidados com os filhos e com a casa. Nessa perspectiva arcaica, Dolores Juliano (2004) – um dos mais importantes nomes contemporâneos da discussão sobre gênero e sexualidades – demonstra que a ideologia dominante estabelecida costuma separar as mulheres em dois polos divergentes: as más e as boas. Isso representa, nesse sentido, aquelas que procuram ou não seguir às atribuições e às convenções socialmente impostas a elas. Assim, a mulher “boa” é socialmente concebida como aquela, frequentemente, ligada ao campo privado, sendo a mãe/avó/filha/esposa, geralmente, paciente e dedicada ao lar. Em contrapartida, a mulher “má” é, costumeiramente, associada à esfera pública, sendo a depravada/amante/puta/impulsiva.

Dessa maneira, é essa repressão da sociedade imposta ao narrador que faz com que ele, embora se veja (algumas vezes) sendo feliz ao lado de uma prostituta, sofra ao amá-la, pois ele mesmo recusa seus próprios desejos e se torna preso em ideais machistas e preconceituosos. Diante disso, todo o amor que ele diz sentir é impossibilitado de ser concretizado devido às amarras dos (pré)conceitos morais e éticos que a sociedade possui e que, certamente, consegue atingi-lo e influenciá-lo diretamente nas escolhas de suas decisões.

Essa, provavelmente, seja a razão pela qual o narrador protagonista resolve camuflar o seu nome durante toda a trama. Vários nomes de personagens secundários surgem durante o desenrolar da história, mas, em nenhum momento, há uma referência ao nome desse personagem. Isso não pode ser concebido como falha do escritor no processo de escrita do texto, muito pelo contrário. Dentre tantas explicações, podemos inferir que Condé foi mestre ao esconder o nome do personagem principal porque o próprio escritor queria demonstrar ao leitor que um homem com um status social elevado como o do personagem jamais se mostraria, publicamente, com uma mulher “da vida”, pois, conforme mencionado outrora, essa relação jamais seria bem vista entre seus colegas de trabalhos e, também, pelo próprio convívio social no qual eles se encontravam imersos. Nesse sentido, esconder, do leitor, o nome do protagonista com quem Luísa sai revela, implicitamente, raízes amargas de uma sociedade cujo machismo ainda impera, sobretudo se considerarmos que homens – a exemplo do que aqui foi representado – permanecem presos a estruturas sociais que definem seus modos de ser e de agir.

Por fim, cabe-nos revelar/explicar o desfecho do romance, que parece ser ainda mais traumatizante do que todo o ocorrido. Em determinado momento da narrativa, quando ambos estavam juntos – inclusive dormindo no mesmo quarto – o personagem se dá conta de que Luísa já não estava mais ao seu lado. Ao procurá-la, foi informado por um porteiro de que: “– Ela viajou pelo trem da madrugada” (CONDÉ, 1961, p. 89). Até então, não sabemos os motivos que levaram Luísa a fugir de onde estava, até que, dias após, ele recebe uma carta de sua amada informando-lhe de que precisava, urgentemente, falar com ele, além de revelar-lhe que ela não parava de pensar nele um só instante.

A carta foi o suficiente para despertar, novamente, sensações no personagem, dado o amor que ele sentia por ela. Ao decidir-se se encontrar com Luísa, ela resolveu, então, contar o que aconteceu nos dias em que permaneceu distante: Luísa conta toda uma história de quando ainda era jovem que teve com sua mãe, a responsável por lhe apresentar homens, mesmo sem o seu consentimento. Sua mãe colocava culpa sempre na velhice e jogava responsabilidade na filha para ter alguém com alto poder aquisitivo. Após contar essa breve história, Luísa declara:

“Estou vivendo com o tal sujeito há dois meses.” [...] Mas eu não posso, não posso. Tenho nojo dêle. Ele tem um ciúme de morte de mim. Nunca me deixa sair. Manda os empregados me vigiarem. [...] odeio o corpo dêle, corpo de velho.” (CONDÉ, 1961, p. 119).

Já é de se esperar que, ao ouvir isso, o homem fosse preenchido por um misto de sentimentos que podem ir desde a raiva – por ela ter partido – até os ciúmes – por estar com outro homem, identificado, posteriormente, como Abílio Marialva. O reencontro entre os dois se dá, então, como um pedido de ajuda por parte de Luísa, que se via presa em uma relação de que não gostava, mas que também não tinha forças para sair disso sozinha, sobretudo se considerarmos o caráter violento e abusivo de seu companheiro.

Percebemos, nesse sentido, que Luísa vê no seu antigo amante a possibilidade de sair de uma relação que não lhe faz bem. Depois desse contato, ela retorna a Abílio e, oito dias depois, o protagonista recebe retorno de Luísa por meio de um bilhete enviado pelo correio informando-lhe que Abílio sabia que ela havia se encontrado com ele. Dessa maneira, eles se reencontram novamente, pela última vez, no apartamento do personagem principal.

É nesse lugar que ocorre o desastre: depois de terem se beijado e conversado sobre tudo o que passaram, o protagonista questiona a Luísa sobre o nome do seu companheiro, resposta essa dada prontamente. Em um rápido momento, ele pede licença para sair do quarto e diz que volta em breve. É nessa saída que ele consegue telefonar para Abílio com o propósito de entregar Luísa, mesmo ela tendo implorado, minutos atrás, que ele a ajudasse e ficasse com ela.

Fechei a porta do quarto e segui claramente pelo corredor em direção à escada. Na rua, procurei o primeiro bar.
 – O catálogo, por favor – pedi.
 Encontrei o número.
 O telefone atendeu do outro lado:
 – É o sr. Abílio Marialva?
 “– Êle mesmo” – respondeu a voz.
 – Se o senhor quiser encontrar agora a Luísa, procure-a no quarto número 7 do Hotel Limbo (CONDÉ, 1961, p. 141).

Dominado, provavelmente, pela raiva e pelo ciúme, o personagem trai a confiança da mulher que decidiu solicitar ajuda em meio ao problema que estava enfrentando. O que acontece depois é mostrado ao leitor sob fluxos de consciências do personagem, que se encontra aflito no enterro da amada: Luísa foi encontrada despida na cama, assassinada por Abílio com dois tiros na cabeça.

O protagonista sabe desse final lamentável por meio de notícias no jornal e embriaga-se pelas ruas perdido em pensamentos confusos e aleatórios: “Por que tudo na vida tem de morrer? Por que ela teve de morrer, meu Deus?” (CONDÉ, 1961, p. 112). Ele também se demonstra

decepcionado pelo rumo que tomaram: “Eu a teria amado, realmente? Éramos muito iguais um ao outro, para que pudesse ter existido amor. [...] Ela morreu.” (CONDÉ, 1961, p. 142).

O final do romance, nesse sentido, explica a justificativa pela escolha do título da obra: “Só Luísa está morta e já não pode pensar. Mas preciso vê-la pela última vez. [...] Pobre Luísa. Nenhuma flor. [...] Abaixo-me e apanho um ramo [...] e levo-o para a capela do necrotério. Um ramo para Luísa.” (CONDÉ, 1961, p. 145). Essa atitude de entregar um ramo à amada parece representar uma dualidade que se manifesta da seguinte maneira: primeiro, o narrador personagem, somente após a morte da companheira, decide entregar-lhe um ramo como símbolo de seu amor – ou mesmo de seu remorso – por não a aproveitar enquanto houve tempo; segundo porque pode indicar o pouco caso que ele tinha dela, pois poderia ter tido um cuidado em comprar algo mais sofisticado, porém decidiu apanhar, aparentemente, um ramo qualquer do lugar onde ela estava sendo sepultada.

É assim que se encerra a narrativa: com a representação da mulher reduzida à flor, à morte, ao nada. Mulher essa que teve sua vida interrompida por um crime extremamente brutal cometido pelo próprio companheiro movido por ciúmes e raiva. Soma-se a isso a traição que sofrera por parte de quem amava, pois ela viu, no protagonista, uma espécie de porto seguro, de ajuda e, infelizmente, estava enganada. Destacamos, a partir disso, a camaradagem, ou seja, o companheirismo criado entre os homens na narrativa, que revela uma ligação masculina extremamente negativa se pensarmos que o homem em quem ela confiava foi justamente a razão de sua morte, ainda que indiretamente.

Diante das análises feitas, percebemos que representações acerca do corpo feminino, na literatura de Condé, possuem relação intrínseca com a realidade vigente, haja vista que as mulheres foram espelhadas sob um contexto patriarcal, machista e que as inserem em determinadas situações que inferiorizam e condenam suas histórias.

Nesse viés, a literatura proposta na narrativa consegue promover reflexões variadas sobre as condições humanas e possibilita interpretações e entendimentos a respeito de uma minoria de mulheres que se encontram no âmbito da prostituição. Isso demonstra não só a tristeza e a solidão que, por vezes, parecem abater essas mulheres, mas também revelam características e pensamentos únicos de homens ainda ligados ao superficialismo erudito, isto é, ao ideal de “macho ideal”, capaz, acima de tudo, de decidir pelo fim da vida de suas próprias parceiras.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enxergar a literatura como um meio problematizador de temas sócio-políticos faz-nos entendê-la como uma forma de arte que permite, em sua representação do real, a reflexão e o questionamento dessa realidade transmutada, uma vez que, ao criar um mundo ficcional, o autor convida o leitor a repensar o real e possibilita, também, a propagação de conhecimento.

Nesse aspecto, a arte se coloca também como um agente capaz de permitir reflexões sobre aspectos diversos da realidade, entre eles, os aspectos sociais, levando o sujeito a uma ressignificação em torno das mazelas, juízos de valores e preconceitos já estabelecidos, pois permite repensar e desconstruir valores antes inquestionáveis. Assim, a relevância de todo o estudo até aqui desenvolvido dá-se pela contribuição em desconstruir visões negativas e pejorativas acerca da vida de uma parcela de mulheres que, infelizmente, ainda permanecem silenciadas no convívio social moderno.

Pensar a prostituição mediante sua representação na tessitura literária e, por conseguinte, o lugar que ela ocupa, significa encarar a realidade cruel que, por muito tempo, foi deixada de lado. Ao dar voz a essas mulheres, a arte permite o entendimento de que muitas outras que permanecem caladas, seja pelos mais variados motivos, podem se reencontrar com a sua verdadeira identidade e assumir uma postura de vida que possa ir ao encontro de seus desejos, afinal, ninguém possui direito sobre o corpo de outra pessoa.

Durante o percurso da análise das representações tecidas na obra, constatamos que a figura da mulher – na obra de Condé – assumiu uma caracterização de indivíduo inferiorizado quando comparado a outros personagens, uma vez que a protagonista Luísa rebaixava-se, muitas vezes, aos seus clientes e, por isso, sujeitava-se a qualquer situação que a diminuísse.

Além disso, não só a personagem principal, mas a maioria das figuras femininas do romance foram constantemente associadas à ideia de mercadoria barata e simples, tendo em vista que, assim que os clientes as usavam, eles as descartavam como se fossem um produto qualquer comprado em um mercado.

Houve, também, a ênfase na erotização e sexualidade do corpo da mulher como as únicas características que importassem em um indivíduo. Em outras palavras, a sexualização exacerbada limitou e generalizou a identidade dessas mulheres e, como consequência, descartou outras atribuições positivas que pudessem ter. Soma-se a isso o fato de que a mulher foi vista como uma válvula de escape para o gozo dos desejos passageiros e carnais dos homens, os quais tratavam as prostitutas como se não fossem pertencentes a uma sociedade, chegando, inclusive, a cometer agressões físicas e verbais com bastante naturalidade e sem remorsos.

Outro aspecto relevante se deu ao perceber a facilidade que o personagem Leão tinha para comprar e vender mulheres, revelando, assim, o tráfico sexual de mulheres na obra. O

pensamento de que um homem tem poder de decidir sobre o corpo de outra pessoa caracteriza, portanto, ideais bastante patriarcais e machistas. Inclusive, é justamente esse caráter dominador e de possuidor que o homem imagina ter sobre o corpo da mulher, que rendeu a Luísa o seu final fúnebre – o assassinato brutal motivado por ciúmes e ódio.

O último tópico visto – embora não menos importante que os demais – refere-se ao destaque que a obra evidenciou não só ao revelar os motivos que levam várias mulheres a entrar nesse (sub)mundo, bem como mencionar as principais dificuldades de saída da prostituição. Vários foram os motivos mostrados tanto para a entrada quanto para a saída da prostituição, conforme vimos outrora, mas o mais importante foi o motivo de muitas delas não terem outras oportunidades, ficando, portanto, com o recurso mais fácil de ganhar dinheiro – a prostituição –, não obstante a maioria tenha revelado sentir nojo por ter de trabalhar com a venda de seus próprios corpos.

Sobre esses motivos, Simone Beauvoir (2009), filósofa existencialista moderna, em uma de suas frases mais marcantes sobre o feminino, menciona o fato de que a mulher não nasce sendo mulher, mas que, em contrapartida, torna-se uma. Partindo dessa lógica, podemos (re)afirmar que as personagens femininas da obra analisada não nasceram “putas”, mas se tornaram devido a diversos motivos aqui já citados.

Acreditamos que José Condé, portanto, guia com maestria a narrativa ao representar a fria e cruel realidade que mulheres como Luísa enfrentam dentro do campo da prostituição, dando-lhes destaque de participação e debate sobre o tema que, até então, era esquecido pela população de sua época.

À vista disso, faz-se necessário que a literatura continue a explorar temas polêmicos e atuais, e que mais estudos sejam realizados no sentido de analisar essas representações, permitindo, assim, que se reflita e se (re)pense aspectos de nossa sociedade que já estão sendo encobertos há muito tempo. Com isso, acreditamos que outras minorias – como as que aqui foram mostradas – podem ter seus direitos (res)guardados e vivências mostradas a um público que ainda permanece cobrindo os olhos, pois prefere, infelizmente, fingir que essa realidade não existe.

REFERÊNCIAS

- ALVAREZ, Gabriel Omar; RODRIGUES, Marlene Teixeira. Prostitutas cidadãs: movimentos sociais e políticas de saúde na área de HIV/AIDS. *Revista de Ciências Sociais*, Fortaleza, v. 32, n.1/2, 2001, p. 53-68.
- BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. Tradução Sérgio Milliet. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BELLIN, Greicy Pinto. A crítica literária feminista e os estudos de gênero: um passeio pelo território selvagem. *Revista FronteiraZ*, São Paulo, n. 7, dezembro de 2011.
- CANDIDO, Antonio. Direitos Humanos e literatura. In: FESTER, Antonio Carlos Ribeiro (Org.). *Direitos humanos E...* São Paulo: Brasiliense, 1989.
- CÂNDIDO, Maria Regina (Org.). *Mulheres na Antiguidade: Novas Perspectivas e Abordagens*. Rio de Janeiro: UERJ/NEA; Gráfica e Editora DG Ltda, 2012.
- CONDÉ, José. *Um Ramo para Luísa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1961.
- COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2006.
- COSTA, Edson Tavares. *A construção e a permanência do nome do autor: o caso José Condé*. 2013. 294f. Tese (Doutorado em Literatura e Cultura) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013.
- DEL PRIORE, Mary. *Histórias íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil*. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2011a.
- DEL PRIORE, Mary. *Histórias e Conversas de Mulher*. São Paulo: Planeta, 2013b.
- DEL PRIORE, Mary. *Sobreviventes e Guerreiras: uma breve história da mulher no Brasil de 1500 a 2000*. São Paulo: Planeta, 2020c.
- JULIANO, Dolores. El peso de la discriminación: debates teóricos e fundamentaciones. In: OSBORNE, R. (ed). *Trabajador@s del sexo: derechos, migraciones y tráfico em el siglo XXI*. Barcelona: Bellaterra, 2004.
- PERROT, Michelle. Os silêncios dos corpos da mulher. In: MATOS, M. I. S; SOIHET, R. (Org.). *O corpo feminino em debate*. São Paulo: Editora UNESP, 2003.
- RAGO, Margareth. *Os Prazeres da Noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930)*. São Paulo: Paz e Terra, 2008.
- REIS, Tatiana. Prostituição feminina: interação entre sexualidade, corpo, cor e desejo. In: *Anais do VII Seminário Internacional Fazendo Gênero*, 2008.
- ROBERTS, Nickie. *As prostitutas na história*. Tradução Magda Lopes. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1998.

SILVA, Álvaro. Prostituição já foi um ato religioso: entre babilônios, gregos e romanos, se entregar por dinheiro podia ser um ritual aos deuses. *Aventuras na História* – UOL, 08 de nov. de 2020. Matérias-Curiosidades. Disponível em: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/prostituicao-ja-foi-sagrada.phtml>. Acesso em 05 de fev. de 2022.

SOUSA, Fabiana Rodrigues de. *A noite também educa: compreensões e significados atribuídos por prostitutas à prática da prostituição*. 2012. 291 f. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2012.

VIEIRA, Patricio de Albuquerque. *Epitáfio para Luísa e Irene: prostituição, solidão e morte no romance brasileiro*. 2016. 198f. Tese (Doutorado em Literatura e Interculturalidade) – Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2016.